

Resenha: "Sonhar: figurar o terror, sustentar o desejo", de Adriana Barbosa Pereira e Nelson Ernesto Coelho Junior (orgs.)*

Review: "Sonhar: figurar o terror, sustentar o desejo", de Adriana Barbosa Pereira e Nelson Ernesto Coelho Junior (orgs.)

Revisión: "Sonhar: figurar o terror, sustentar o desejo", de Adriana Barbosa Pereira e Nelson Ernesto Coelho Junior (orgs.)

*Érico Bruno Viana Campos***

Situações de emergenciais são necessariamente traumáticas e a condição de calamidade pública que estamos vivendo se mostrou especial e inédita. Diferentemente do terror do Estado ou da Guerra, que normalmente são as formas mais crônicas de catástrofe social, desta vez trata-se de uma pandemia viral. O inédito foi a forma de lidar com ela: o isolamento social e a transposição das atividades de trabalho, estudo e lazer para o regime remoto de encontro. Foi essa mudança radical na sustentação do cotidiano, possibilitado pelo avanço da tecnologia de comunicações que permitiu a emergência da virtualidade na constituição definitiva de uma nova normalidade, simultaneamente próxima e distante, mediada pela internet. O horizonte ameaçador levou a uma escalada do sofrimento, convocando psicólogos, psiquiatras e psicanalistas a reinventarem sua prática clínica e sua inserção sociocultural.

* Pereira, A. B., & Coelho Junior, N. E. (2021). *Sonhar: figurar o terror, sustentar o desejo*. São Paulo: Zagodoni.

** Faculdade de Ciências de Bauru – UNESP, SP, Brasil. E-mail: erico.bv.campos@unesp.br

Nesse contexto destacou-se a modificação na produção onírica das pessoas: para além da transição de sonhos para pesadelos, o que se observava era ou a própria suspensão da atividade do sonhar ou a sua produção exacerbada, acompanhada de um ímpeto para contá-los a outrem. Isso não passou despercebido pela comunidade psicanalítica, que tem desde o pioneirismo freudiano o trabalho onírico como via régia para o inconsciente. O sonho representa a aspiração para a realização de desejos e a psicanálise pode alçar esta condição cultural amplamente aceita a um novo patamar. Contudo, o sonho não consiste apenas em um movimento intrapsíquico, possuindo uma dimensão intersubjetiva, na medida em que também são meios de promoção de vínculos afetivos e identificatórios, além de instituição de novos ideais coletivos. Os sonhos possuem um lugar fundamental na vida cultural e essa dimensão social ganha maior pertinência nos momentos críticos de desordem, ameaça ou terror. Estavam dadas as condições para que os psicanalistas fossem convocados a acordar do sono letárgico da anomia e que da veia primária de seu campo pudessem trazer a renovação do pensar e do fazer necessários a uma posição de resistência.

Dentre as iniciativas de dar voz, lugar e reconhecimento às vivências durante a pandemia surgiu o projeto *oniricopandemia*, uma de coleção aberta de sonhos em tempos de crise da saúde e da democracia com uma proposta de criar uma espécie de espaço onírico para promoção do trabalho entre a dor e o sonho na interface entre a psicanálise e a arte. O projeto foi inspirado no livro de Charlotte Berardt (2017) e coordenada pela psicanalista e docente da PUC-SP Adriana Barbosa Pereira, pelo coletivo artístico Canto Torto. Os objetivos consistem em reconhecer e analisar as figuras coletivas que testemunham a experiência social traumática e os desejos desse tempo, bem como convidar artistas e psicanalistas a se inspirarem e reinterpretarem os sonhos da pandemia (Pereira, 2020).

O livro é fruto do segundo objetivo do projeto, na vertente das reflexões psicanalíticas sobre a coleção. Os organizadores fizeram um trabalho de seleção prévia e compilação e convidaram colegas a produzirem ensaios a partir das associações e interpretações fomentadas pelos sonhos. Um corpo notável de colaboradores foi então reunido, em torno do núcleo de colegas que trabalham na articulação entre IPUSP, PUC-SP e Sedes Sapientiae,

com forte participação do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi. Por meio das últimas indicações freudianas sobre o trabalho onírico dos sonhos traumáticos, adensadas pelas seminais indicações ferenczianas sobre a sua função traumatofílica, chega-se a uma vertente contemporânea sobre as condições de figurabilidade, ligação e continência, onde o lugar de reconhecimento social é assegurado, em uma ponte entre a memória individual e a coletiva.

Partindo de diferentes autores do campo psicanalítico transmatricial se efetiva de forma competente a passagem para a dimensão intersubjetiva em que o traumático precisa ser contido, elaborado e mesmo co-sonhado por meio de outrem. Trata-se, diante das condições de ameaça à vida, à saúde e à democracia, de permitir figuração e simbolização, mas, sobretudo, dar condições de realização. Daí a pertinência e precisão do subtítulo: sonhar hoje é um trabalho necessário porque permite não só figurar o terror, mas também sustentar o desejo, sendo que essa sustentação é necessariamente intersubjetiva, por meio do testemunho e da criação e reparação de vínculos sociais.

A obra realiza a tarefa de forma consistente e agradável. Embora seja uma leitura de fôlego, com bastante fundamentação teórica implicada, esta não é excessiva e faz trabalhar a principal tarefa do esforço coletivo empregado: purgar o traumático por meio da elaboração associativa focando na singularidade dos relatos e da escuta implicada de cada autor convidado, dando testemunho, ampliação e fomentando reflexões. São ensaios muito diversificados, bem como os sonhos disparadores. Desde sonhos mais concretos, próximos de restos diurnos, até construções quase literárias, passamos por sonhos de angústia e pesadelos, onde a vergonha, a nudez, o desamparo e a morte são a tônica. Eles ensejam dois tipos de ensaios. Alguns são mais focados nas considerações teóricas e mesmo metodológicas do expediente proposto em recortes conceituais a partir dos relatos. Temos nessa categoria aqueles que focam na desconstrução do dogmatismo da clínica padrão de partir das associações do paciente em direção a uma psicanálise que se estenda para o campo social (principalmente nos capítulos 2, 3, 4, 14 e 17). Outros fazem recortes mais temáticos, como a dimensão do corpo (capítulo 5), da sexualidade (capítulo 6), da resignificação e

tradução (capítulo 7), e aspectos da pulsão de morte e do trauma (capítulos 8 e 13). A segunda categoria de ensaios consiste naqueles que se descolam ainda mais da vertente acadêmica e entram de forma mais clara no convite de livre associar e co-sonhar a partir dos relatos, em uma vertente mais poética e estética de escrita. São os ensaios que se aproximam mais da arte e literatura, onde se destacam as colaborações dos artistas do coletivo e de psicanalistas que trabalham mais próximos dessa interface (capítulos 10, 11, 18, 19, 20, 21 e 22). Também são os que incidem mais diretamente sobre as condições políticas específicas, como o paradigmático negacionismo (capítulo 12), além de como os espaços públicos e virtuais podem ser utilizados e convocados na elaboração do trabalho de resistência e de ligação (capítulos 1, 9, 15 e 16).

Cabe frisar a beleza do projeto gráfico do livro, cujo esquema de cores em preto e branco e as ilustrações que apresentam cada capítulo fazem uma pertinente composição como figuração da temática de cada ensaio onírico e do livro como um todo. Também é interessante indicar a celeridade do processo editorial e do próprio esforço coletivo de produção dos ensaios, que no espaço de pouco mais de um ano desde o início do projeto conseguiu chegar a um resultado bastante relevante para as produções sobre a temática da pandemia no campo psicanalítico, além de permitir uma significativa elaboração secundária do material da coleção e ampliação do alcance de suas reflexões. Nesse sentido, a obra apresentada, por sua consistência, leveza, diversidade e originalidade tem um potencial de interesse muito maior do que o campo psicanalítico e suas relações mais imediatas nas práticas “psi”, sendo muito pertinente às ciências humanas e filosofia em geral, além do campo das produções culturais na arte, literatura e mídia.

Todavia, a maior relevância do livro está no que ele representa: dos sonhos sonhados individualmente ao testemunho coletivo e à reparação dos laços sociais, do momento sociocultural do país na pandemia à mobilização de uma comunidade na elaboração desse momento, marcando uma posição ético-política. Assim, no espírito do “quem conta um conto aumenta um ponto”, foi se mobilizando e tecendo uma verdadeira corrente de narrativas frente ao desamparo que nos assola, permitindo uma via de sublimação. Em tempos de declínio da autoridade paterna e simbólica, temos uma poderosa

ilustração de como a gestão do desamparo contemporâneo demanda forma criativas, colaborativas e horizontalizadas de instituição de vínculos sociais e laços libidinais. Nesse sentido, o livro apresenta o produto de um laço grupal de solidariedade fraterna, no sentido psicanalítico do termo, gerando um reconfortante e necessário sentimento de pertença e reassseguramento que nos dá fortalece. Também demonstra como a comunidade psicanalítica pode contribuir de diversas formas no enfrentamento das situações críticas e emergenciais, em uma verdadeira clínica do social.

Para terminar, é preciso ressaltar epígrafe que consta na introdução do livro: “Acorda! Mas não para de sonhar. / Lute como quem sonha.” Em suma, o livro demonstra um jeito nada ortodoxo e caracteristicamente psicanalítico de fazer política.

REFERÊNCIAS

- Pereira, A. B. (2020). Da dor ao sonho: sobre a coleção oniricopandemia. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 54(2), 105-121.
- Pereira, A. B., & Coelho Junior, N. E. (2021). *Sonhar: figurar o terror, sustentar o desejo*. São Paulo: Zagodoni.
- Beradt, C. (2017). *Sonhos no terceiro reich*. São Paulo: Três Estrelas.

Recebido em 04/07/2021

Aceito em 10/08/2021